

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Significado Espiritual
da Santa Ceia
- Pág. 3 -

O Jugo Desigual
- Pág. 8 -

Enchamos a Casa do Senhor



Teodoro Carcich

E DISSE o Senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar para que a minha casa se encha." S. Lucas 14:23.

O Senhor quer que Suas igrejas estejam repletas. Nunca quiz que fossem fracas e estivessem semi-vazias. Deseja que os que nela se encontram saiam e instem outros a entrar.

A Escola Sabatina possui o potencial para encher a casa do Senhor. Temos nela uma instituição de ensino cujo compêndio é a Bíblia, e que num mesmo lugar e com o mesmo propósito congrega sábado após sábado mais adventistas do sétimo dia que quase todas as outras reuniões de nossa igreja. E o poder latente que a Escola Sabatina possui deve converter-se em nossa maior força evangelizadora.

Além de ser um órgão de ensino, a Escola Sabatina está bem equipada para alcançar com a mensagem evangélica as pessoas que se encontram fora da igreja. Este conjunto estreitamente unido de oficiais, professores e membros está

qualificado para, de maneira extraordinária, cobrir qualquer comunidade com a terceira mensagem angélica. Toda a Escola Sabatina que fracassar em empregar sua organização para estender-se e encher a casa do Senhor, está descuidando e negligenciando uma das principais razões de sua existência.

Logram-se resultados mediante a utilização deste método? Consideremos as escolas sabatinas da Coréia. Embora o número real de membros seja de apenas 9.700, a assistência à Escola Sabatina se eleva à extraordinária soma de 39.000! Para se poderem dar lugar às multidões, muitas igrejas se vêem obrigadas a realizar três reuniões em cada sábado.

Pentecostes na Coréia? É possível. Só sabemos que os ministros e os membros estão trabalhando em estreita união, e onde quer que reine esta união Deus faz descer a chuva serôdia sobre a igreja, e ela enche-se com todos quantos buscam salvação.

(Continua na página 18)

SUMÁRIO

Enchamos a Casa do Senhor
Seminário Teológico Adventista de Pero Negro
Significado Espiritual da Santa Ceia
O Jugo Desigual
Conhecendo o Nosso Salvador
Notícias do Campo
Página das Actividades Leigas
Página dos Jovens M.V.
Curso de Colportores em Pero Negro
Canto dos Poetas
Agenda Adventista
Como Tornar Interessante o Culto Familiar

JULHO DE 1969

ANO XXX Nº 274

Director e Editor:

A. J. S. CASACA

Administrador:

D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

Proprietária:

UNIÃO PORTUGUESA DOS
ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

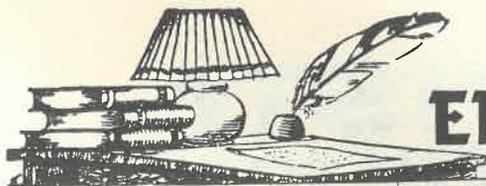
Redacção e Administração:

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Texto inteiramente dactilografado
e impresso pelo sistema de
duplicação "off-set".

Número avulso: 5\$00

Assinatura anual: 50\$00



Página EDITORIAL

SEMINÁRIO TEOLÓGICO ADVENTISTA DE PERO NEGRO

Estão feitos planos para que, a partir de Outubro, comece a funcionar em Pero Negro o Curso Teológico.

É verdade que este passo não resolveu ainda o grande problema da educação secundária da Juventude Adventista Portuguesa. Provavelmente passará algum tempo até dispormos de um Colégio onde os nossos jovens possam seguir o Curso Liceal.

Até que se atinja esse objectivo terá de se recorrer a explicações particulares dadas por professores adventistas ou a aulas em instituições não-adventistas.

Apesar disso, nada obsta a que o Curso Teológico funcione desde já na referida propriedade. Ali se encontrarão os alunos em contacto com a Natureza, dispendo de confortáveis instalações, de alimentação adequada, de uma boa biblioteca e respectiva sala de leitura, sem mencionar outras facilidades.

O programa seguirá os moldes dos de qualquer outra escola semelhante do estrangeiro. O Curso Teológico propriamente dito consta de quatro anos, sendo os dois primeiros feitos em Portugal e os dois restantes no Seminário de Collonges. Todas as disciplinas feitas com aproveitamento no nosso País são reconhecidas para prosseguimento dos estudos em França. As diferentes disciplinas do Curso serão ministradas por professores devidamente acreditados pela Organização.

Estamos certos de que este passo ajudará a proporcionar aos futuros

obreiros desta União uma preparação sólida e a incutir nas suas vidas hábitos de estudo, de disciplina e de organização do trabalho intelectual.

Vivamente recomendamos a todos os jovens que desejem dedicar as suas vidas a servir como obreiros na Causa do Senhor que estudem a possibilidade de frequentarem o Seminário a partir do próximo ano lectivo. É certo que se tornam necessários sacrifícios e despesa, mas qual é o empreendimento de valor que não exija sacrifícios e despesas?

Um dos meios ao alcance de todos é a colportagem durante as férias. Este ano vai ser dada uma ajuda especial, por alguém de experiência neste campo de actividade, a todos quantos desejem dedicar os meses de verão a trabalhar nesse sentido. O que tantos têm conseguido e estão conseguindo em todo o mundo, pode ser também alcançado pelos jovens portugueses.

Para os auxiliar a atingir esse objectivo foi instituído o plano das bolsas de estudo de que beneficiarão os jovens que tenham conseguido depositar na Publicadora parte dos lucros das suas vendas.

Porque não tentar esta oportunidade?

Todos os jovens interessados podem pedir ao obreiro da sua Igreja ou à União um exemplar do prospecto referente ao novo ano lectivo.

E. Ferreira

"A VERDADEIRA EDUCAÇÃO"

"A verdadeira educação não consiste em forçar a instrução a um espírito não preparado e indócil. As faculdades mentais deverão ser despertadas, e o interesse suscitado...."

"A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente.... Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro."

E. G. White, *Educação*, págs. 40, 13.



Significado Espiritual da Santa Ceia

— E. Ferreira —

SE COMPARARMOS o Cristianismo com outras religiões podemos notar desde logo uma diferença fundamental: ao passo que as religiões não cristãs repousam sobre doutrinas, o Cristianismo, sem minimizar o ensino doutrinário, baseia sua razão de ser numa Pessoa, a do Salvador Jesus Cristo, em cuja recepção, dependência e união constante encontra a condição indispensável da sua vida espiritual.

O apóstolo João resume a verdade deste facto nas seguintes palavras: "Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida." (I S. João 5:12).

A íntima relação existente entre Cristo e o crente é ilustrada pelos apóstolos por meio de várias expressivas comparações.

É assim que Paulo se refere a Cristo como sendo a cabeça do corpo de que nós somos membros. Segundo a Epístola aos Efésios, Deus "O constituiu como cabeça da Igreja, que é o Seu corpo, a plenitude d'Aquele que cumpre tudo em todos." Lemos na mesma Epístola: "Seguindo a verdade, cresçamos em tudo n'Aquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor." (Efés. 1:22, 23; 4:15, 16).

Outra comparação usada, tanto por Paulo como por Pedro, é a de um edifício de que Cristo é a pedra angular e nós as paredes. Segundo o apóstolo Paulo, somos "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito." (Efés. 2:20-22). Por sua vez, Pedro exprime-se assim: "Ele é a Pedra, que foi

rejeitada por vós os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos." (Actos 4:11, 12). E na sua primeira Epístola, o mesmo apóstolo escreve: "Chegando-vos para Ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo." (I S. Pedro 2:4, 5).

O próprio Jesus usou diversas comparações para ilustrar a íntima dependência em que, em relação a Ele, se encontra o crente.

A Igreja é como um rebanho, de que Cristo é o pastor: "Eu sou o Bom Pastor, e conheço as Minhas ovelhas, e das Minhas ovelhas sou conhecido. Assim como o Pai Me conhece a Mim, também Eu conheço o Pai, e dou a Minha vida pelas ovelhas. E ainda tenho outras ovelhas, que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor." (S. João 10:14-16).

A comparação do Pastor e do rebanho sugere a de aprisco como local de reunião das ovelhas. Esse lugar de refúgio deve ter uma porta que lhe dê acesso. Disse o Mestre: "Em verdade vos digo que Eu sou a porta das ovelhas... Eu sou a porta; se alguém entrar por Mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá e achará pastagens." (S. João 10:7, 9).

Cristo é o único meio pelo qual podemos chegar a Deus. Para explicar esse facto, Ele recorre a outra comparação — à do caminho: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim." (S. João 14:6).

A nossa união com Cristo é de uma importância tão vital como a dos ramos de uma árvore em relação ao tronco. Disse Jesus: "Eu sou a videira, e Meu Pai é o lavrador... Estai em Mim, e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós se não estiverdes em Mim. Eu sou a Videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer." (S. João 15:1-5).

O homem nas trevas do erro e do pecado carece de luz. Essa luz encontra-se em Cristo: "Eu sou a Luz do Mundo; quem Me segue não andarás nas trevas, mas tem a Luz da vida." (S. João 8:12).

Insatisfeita, na sua ânsia de vida perene, a alma sequiosa deseja dessedentar-se. Mas onde encontrar a água viva que mitigue a sua sede? Diz Ele: "Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba." (S. João 7:37).

Para salientar, porém, dum modo mais perfeito, o pensamento da nossa completa dependência d'Ele, o Salvador serve-se doutra comparação: assim como necessitamos de comer para vivermos, assim também carecemos de Jesus para termos a vida eterna.

JESUS, O PÃO DA VIDA

O Senhor realizara o grande milagre da primeira multiplicação dos pães. Após esse milagre, a multidão pretendia arrebatá-l'O para O fazer rei. Ele, porém, retirou-Se.

No dia seguinte, na sinagoga de Cafarnaum, o Mestre fez um dos Seus mais notáveis discursos acerca da verdadeira natureza da Sua Pessoa e missão, o qual se encontra registado no capítulo 6 de S. João.

Tomando como ponto de partida o facto de na véspera terem comido do pão por Ele multiplicado, Jesus fala de outro pão — o verdadeiro Pão do Céu.

Pediram-Lhe então os ouvintes: "Senhor, dá-nos desse Pão." (Vers. 34).

Jesus respondeu-lhes: "Eu sou o Pão da vida; aquele que vem a Mim não terá fome; e quem crê em Mim nunca terá sede... Eu sou o Pão vivo que desceu do Céu; se alguém comer deste Pão viverá para sempre; e o Pão que Eu der é a Minha carne, que Eu darei para vida do mundo... Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia. Porque a Minha carne verdadeiramente é comida, e o Meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele." (Vers. 35, 51, 53-56).

A maior parte dos ouvintes não puderam, ou não quiseram, compreender o alcance destas

palavras, dando-lhes um sentido meramente literal. Arrazoavam entre si: "Como pode dar Este a Sua carne a comer?... Duro é este discurso; quem o pode ouvir?" (Vers. 52, 60).

Jesus, todavia, frisou bem que as Suas palavras não deviam ser tomadas literalmente: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos disse são espírito e vida." (Vers. 63).

Foi a partir dessa altura que muitos dos Seus discípulos o abandonaram. "Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos?" (Vers. 67).

Pedro, interpretando o sentir dos seus companheiros, respondeu: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que Tu és o Cristo, o Filho de Deus." (Vers. 68, 69).

O que se tornava necessário não era, pois, comer e beber literalmente a carne e o sangue de Jesus, como interpretaram os que O abandonaram, mas reconhecer em Jesus o Salvador, e nas Suas palavras a ciência da salvação, como compreenderam, e muito bem, os que com ele permaneceram.

INSTITUIÇÃO DA SANTA CEIA

Para que a nossa íntima dependência de Cristo, como condição "sine qua non" de vida espiritual, pudesse ficar bem clara e duradoura na mente dos crentes, Jesus instituiu a Santa Ceia — não simples ilustração verbal, mas ilustração activa, dramática, sãbiamente adaptada à tendência psicológica humana para o visível e concreto.

Jesus escolheu para instituir esta cerimónia os momentos que precederam a Sua própria morte expiatória.

Pondo de lado alguns pormenores secundários, lembremos o essencial desta instituição.

Jesus tomou o pão sem fermento (ver S. Luc. 22:1; cfr. Ex. 12:2-8, 15, 17-20) e, partindo-o, o distribuiu pelos discípulos, dizendo: "Tomai, comei; isto é o Meu corpo, que é partido por vós; fazei isto em memória de Mim." (I Cor. 11:24; cfr. S. Mat. 26:26; S. Marc. 14:22; S. Luc. 22:19).

Seguidamente, distribuiu por eles um cálice de vinho e mandou-lhes que bebessem, dizendo: "Este cálice é o novo testamento no Meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de Mim." (I Cor. 11:25; cfr. S. Mat. 26:27, 28; S. Marc. 14:24; S. Luc. 22:20).

E terminou: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha." (I Cor. 11:26).

A SANTA CEIA E A CEIA PASCAL

A Santa Ceia, que tem por objecto "Cristo, nossa páscoa" (I Cor. 5:7), está intimamente relacionada com a Ceia Pascal.

Circunstâncias semelhantes ocasionaram a instituição de ambas as cerimónias. Uma foi instituída antes da libertação do cativo do Egipto; outra antes do sacrifício expiatório que libertou o homem do cativo de Satanás.

Em ambas são usados elementos materiais: na Ceia Pascal, o cordeiro, os pães asmos e as ervas amargas; na Santa Ceia, o pão e o vinho.

Ambas estas cerimónias têm um carácter simbólico. Em ambas se opera individualmente uma apropriação espiritual por meio da recepção de elementos materiais.

A Santa Ceia foi instituída na altura precisa em que o Divino Antítipo devia celebrar pela última vez com Seus apóstolos a Ceia Pascal em que Ele próprio era tipificado.

A Ceia do Senhor vinha, pois, substituir a Ceia Pascal.

NATUREZA DA CERIMÓNIA PASCAL

A cerimónia da Páscoa era altamente simbólica. Ainda hoje, pouco depois do início da cerimónia, um dos participantes mais novos faz a pergunta: "Porque é esta noite diferente de todas as outras noites? Porque é que em todas as outras noites podemos comer pão com fermento e, nesta noite, somente pães asmos? Em todas as outras noites comemos qualquer espécie de ervas, mas, nesta, somente ervas amargas? Em todas as outras noites comemos carne assada, frita ou cozida, e, nesta, somente assada?"

Segundo o "Talmud," feitas estas perguntas, "em seguida o pai instrui o seu filho, segundo a sua capacidade de conhecimento, começando pela nossa desgraça e terminando com a nossa glória." (1)

Dizia o rabi Gamaliel, a cujos pés aprendeu o apóstolo Paulo: "Quem quer que não saiba explicar três coisas na Páscoa não cumpriu o seu dever. Estas coisas são: o cordeiro pascal, os pães asmos e as ervas amargas. O cordeiro pascal significa que Deus passou (poupando-as) pelas casas dos nossos pais, aspergidas com sangue; os pães asmos significam que os nossos pais foram libertados do Egipto (à pressa); as ervas amargas significam que os egípcios tornaram amarga a vida de nossos pais no Egipto." (2)

Mas a cerimónia pascal, dramatizando a libertação do cativo, não era apenas simbólica; ela tornava pessoal essa libertação. "É necessário que através de todas as gerações cada israelita saiba que foi salvo da escravidão do Egipto," dizia a "Mishna." (3)

"Isto significa que cada um, ao recordar a libertação do Egipto, deve saber que foi ele o objecto do acto redentor, a qualquer geração que pertença... Tomando lugar a mesa posta no dia 14 de Nisan, o israelita confessava ter sido ele, pessoalmente, libertado do Egipto. Não bastava aprender, ao ser lido o livro de Êxodo pelo pai

de família, que pertencia ao povo que foi objecto da dilecção divina. Era necessário estar directamente envolvido na acção redentora. Era necessário descobrir que o amor de Deus visa cada um e abrange, desde os tempos antigos e por cima da diversidade dos séculos, todos os que são chamados a participar dos Seus benefícios." (4)

Esta cerimónia, apesar do seu carácter simbólico, tornava-se tão real que uma fórmula muito antiga, que pode remontar ao tempo de Jesus, dizia do pão pascal: "Isto é o pão da aflicção que nossos pais comeram quando saíram do país do Egipto." (5)

Ainda hoje, entre alguns judeus, é costume o chefe de família, no momento de repartir o cordeiro assado, pronunciar as palavras rituais: "Tomai, comei, porque isto é a Páscoa do Senhor." (6)

NATUREZA DA CERIMÓNIA DA SANTA CEIA

Assim como a Ceia Pascal tinha um carácter simbólico, também a Santa Ceia se caracteriza pelo seu simbolismo.

Considerá-la como uma repetição incruenta do sacrifício de Cristo constituiria uma contradição flagrante do ensino das Escrituras.

Estas ensinam claramente que o sacrifício de Jesus, perfeito na sua eficácia, foi realizado só uma vez, não podendo ser repetido cruenta nem incruentamente.

Com efeito, lemos em Heb. 7:26, 27: "Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os Céus; que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados e depois pelos do povo; porque isto fez Ele, 'uma vez' (A tradução da Difusora Bíblica diz: 'de uma só vez e para sempre'), oferecendo-Se a Si mesmo."

Vemos igualmente em I S. Pedro 3:18 que "Cristo padeceu 'uma vez' (grego: 'hapax,' uma vez por todas), pelos pecados."

Tampouco estaria de acordo com as Sagradas Escrituras considerar a Santa Ceia como a oferta ou oblação feita ao Pai do sacrifício perfeito de Jesus, renovada pelos crentes na qualidade de membros do Corpo Místico de que Cristo é a cabeça.

Segundo a Bíblia, só Jesus tem capacidade para ser o sacerdote com poderes para apresentar ao Pai a oblação dos méritos do Seu sacrifício: "Este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à dextra de Deus, porque 'com uma só oblação' aperfeiçoou para sempre os que são santificados... Ora, onde há remissão destes (dos pecados), não há mais oblação pelo pecado." (A trad. da Difusora Bíblica diz: "Ora, onde há remissão

dos pecados, já não há necessidade de oferenda pelos pecados." (Heb. 10:12, 14, 18).

Por outro lado, o carácter simbólico da Santa Ceia dificilmente se harmoniza com a interpretação das palavras "Isto é o Meu corpo" e "Isto é o Meu sangue," no sentido de que o pão e o vinho se convertem realmente no corpo e sangue de Jesus.

Nas Sagradas Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, nem sempre o verbo ser estabelece uma identidade essencial entre os dois membros da proposição.

É assim que os profetas e salmistas diziam que Deus é um sol, uma rocha, um escudo, uma fonte de águas, etc..

Quando o Precursor apontou para Jesus disse que Ele era o Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo; Cordeiro que, além da mesma designação, é designado no Apocalipse como "o Leão da tribo de Judá." (Apoc. 5:5).

Jesus empregou idêntica linguagem quando, referindo-se a João Baptista, disse que esse profeta era o Elias que havia de vir, ou quando, como vimos acima, disse de Si mesmo que Ele era o pão vivo que desceu do Céu, a água da vida, a luz, a pedra de esquina, o caminho, a porta, a videira verdadeira.

Na própria instituição da Santa Ceia, o Mestre empregou a mesma linguagem metafórica quando disse, referindo-se ao cálice: "Este cálice é o testamento no Meu sangue." (S. Luc. 22:20).

O apóstolo Paulo apresenta uma elucidativa explicação destes textos quando, referindo-se à participação do vinho e do pão, diz que são a comunhão do sangue e do corpo de Cristo, da mesma maneira que a participação dos sacrifícios gentílicos é a comunhão dos demónios. E conclui: "Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demónios." (I Cor. 10:16-21). É evidente que o apóstolo não compreendia que os elementos da mesa dos demónios se transformassem nos próprios demónios, do mesmo modo que os elementos da mesa do Senhor se não transformavam no corpo e sangue de Jesus.

Em todos estes casos, e noutros que se poderiam assinalar nas Escrituras e na nossa linguagem corrente, quando é empregado o verbo ser, este designa uma identidade simbólica e não uma identidade essencial.

Assim o compreenderam alguns dos mais ilustres escritores eclesiásticos dos primeiros tempos do Cristianismo.

Tertuliano (séc. II), no tratado "Adversus Marcionem," exprime-se nestes termos: "Deus assim revelou no vosso Evangelho, chamando ao pão Seu corpo, a fim de que por isso entendas que Ele deu ao pão o ser a figura do Seu corpo." (III, 19).

No livro "De Anima," 17, diz o mesmo escritor que Cristo "consagrou o vinho em comemoração do Seu sangue."

Eusébio de Cesareia (séc. IV) apresenta esta versão: "Não creiais que Eu falo da carne de que estou revestido, como se vos fosse necessário comê-la. Não penseis que vos prescrevo beber o Meu sangue sensível e corporal. Sabeis perfeitamente que as Minhas palavras são espírito e vida." ("De Ecclesiastica Theologia," III, 12). E no seu livro "Demonstratio Evangelica," VIII, 3, diz: "Cristo mesmo deu os símbolos da economia divina a Seus discípulos, ordenando que deles se fizesse a imagem do Seu próprio corpo. Mandou que usassem o pão como símbolo do Seu próprio corpo."

No mesmo século, escreveu Cirilo de Jerusalém: "Participemos com toda a confiança como se fôra do corpo e sangue de Cristo, porque no tipo do pão te é dado o corpo e no tipo do vinho te é dado o sangue de Cristo." ("Catecheses Mystagógicas," III, 3).

S. João Crisóstomo, também do século IV, diz: "Antes que o pão seja consagrado, chamamos-lhe pão; porém, quando a graça de Deus, mediante o sacerdote, o tem consagrado, já não é mais chamado pão, mas sim considerado digno de ser chamado corpo do Senhor, 'ainda que a natureza do pão permaneça nele'." ("Epistola ad Caesareum").

S. Agostinho, no séc. V, escreveu no tratado "Contra Adimantum," XII, 3: "O Senhor não duvidou dizer: 'Isto é o Meu corpo,' quando deu o sinal do Seu corpo." E noutro livro ("De Civitate Dei," XVIII, 48), estabelece a seguinte norma geral de hermetêutica: "Todo o símbolo parece, de certa maneira, sustentar a personalidade das coisas que significa; assim, o apóstolo diz: 'A pedra era Cristo,' porque a pedra de que fala significava Cristo."

Num comentário ao Evangelho de S. Joao, exemplifica esta norma o mesmo Doutor da Igreja: "Cristo é metafóricamente muitas coisas que, estritamente falando, Ele não é. Metafóricamente, Cristo é, ao mesmo tempo, rocha, porta, pedra angular, pastor, leão e cordeiro. Quão numerosas são tais comparações! Mas, se desejarmos a significação estrita, então Ele não é nem rocha, porque não é duro e pesado; nem porta, porque nenhum marceneiro O construiu; nem pedra angular, porque nenhum construtor O empregou como tal; nem pastor, porque Ele não é guardador de quadrúpedes; nem leão, porque não ataca os animais; nem cordeiro, porque não pertence a nenhum rebanho. Todos esses títulos servem como analogias."

Alguns papas pronunciaram-se também claramente neste sentido. Tomemos o exemplo do papa Gelásio (séc. V), que escreveu o seguinte, (o que não o impediu de ser canonizado): "O sacramento do corpo e sangue de Cristo é verdadeiramente coisa divina, mas o pão e o vinho permanecem em sua substância e natureza de pão e vinho." ("De Duabus Naturis").

Através da Idade Média o assunto foi objecto de duas grandes controvérsias.

A primeira foi provocada pelo livro de Pascasio Radberto, "De Corpore et Sanguine Domini," publicado em 831 em defesa da presença real. Contra ele escreveu Ratramno outro livro com o mesmo título, no qual defende que as palavras de Cristo devem ser tomadas em sentido figurado. Outro seu adversário foi Rabano Mauro, arcebispo de Maiença, que declara: "Alguns imaginam que o sacramento do corpo e do sangue do Senhor se encontram o mesmo corpo e o mesmo sangue de Cristo que foram tomados da Virgem Maria. Eu escrevi contra este erro e mostrei o que é necessário crer a este respeito." ("De Institutione Clericorum," I, 31).

A segunda controvérsia eucarística da Idade Média teve lugar no século XI, tendo Lanfranc e Berengário de Tours defendido, respectivamente, a presença real e a presença simbólica de Jesus na Santa Ceia.

No século XII, pela primeira vez, que se saiba, foi usada a palavra transubstanciação, para designar a transformação da substância do pão e do vinho na substância do corpo e sangue de Jesus.

A transubstanciação foi adoptada como doutrina oficial e definida como tal no IV Concílio de Latrão, em 1215.

O célebre franciscano João Duns Escoto, escrevendo sobre o IV "Livro das Sentenças" de Pedro Lombardo (Dist. 11, quaest. 3), diz que não se encontra em parte alguma da Bíblia um texto que possa, sem a determinação da Igreja, constringer a crer na transubstanciação.

O cardeal Belarmino, no seu tratado sobre a eucaristia, livro III, referindo-se a esta passagem, escreve: "Escoto diz que não se encontra nenhum lugar da Escritura tão expresso que constranja evidentemente, sem declaração da Igreja, a receber a transubstanciação. E isso não é de todo improvável. Pois ainda que a Escritura que alegamos acima nos pareça tão clara que leve a constringer uma pessoa não insolente, todavia pode-se em bom direito duvidar se isso é assim, visto que homens muito doutos e muito agudos, como o foi sobretudo Escoto, são de parecer contrário."

E no mesmo lugar salienta o referido teólogo que Escoto afirma não ter sido a transubstanciação um artigo de fé antes do IV Concílio de Latrão.

Não admira que o cardeal Caetano, nas suas notas sobre S. Tomás ("In Thomae," quaest. 75, art. 1), tenha escrito: "O outro ponto que o Evangelho não explica expressamente, nós o recebemos da Igreja, a saber, a conversão do pão no corpo de Cristo."

Vemos, pois, que a transubstanciação é uma interpretação puramente eclesiástica do que se passa na Santa Ceia, interpretação essa que está longe de ser unânime entre os teólogos, quer antigos quer modernos.

É por isso que hoje começam alguns teólogos a substituir, embora tímidamente, a noção de transubstanciação pela de transignificação...

A CEIA DO SENHOR, VÍNCULO DE COMUNHÃO CRISTÃ

O facto de os elementos físicos da Santa Ceia não seterem transformado literalmente no corpo e sangue de Jesus não deve levá-los de forma alguma a minimizar o significado espiritual e o alcance prático desta cerimónia.

Em primeiro lugar, quando a celebramos trazemos à mente a adorável pessoa de Jesus. Esse propósito depreende-se claramente das Suas palavras: "Fazei isto em memória de Mim." (S. Luc. 22:19; I Cor. 11:25). Reconhecemos por este meio a nossa dependência de Cristo como condição única de vida espiritual. Da mesma maneira que não podemos viver sem comer, também não podemos ter a verdadeira vida sem receber Jesus como nosso Salvador.

Esta cerimónia é, em segundo lugar, uma lembrança subjectiva e uma proclamação pública do sacrifício de Jesus em expiação pelos nossos pecados. Como disse o Mestre, "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor." (I Cor. 11:26).

Em relação com esse sacrifício, ela é um memorial da nova aliança entre Deus e os homens. E assim como as alianças ou concertos do Antigo Testamento eram firmados com sangue, também o foi aquela em que Deus nos promete a salvação pela graça mediante a fé: "Isto é o Meu sangue, o sangue do novo testamento (Na trad. da Difusora Bíblica diz: 'sangue da aliança'), que é derramado por muitos, para remissão dos pecados." (S. Mat. 26:28).

A Santa Ceia permite-nos que nos aproximemos, individualmente, da pessoa de Jesus e da eficácia do Seu sacrifício. Coloca-nos, assim, em comunhão com o Salvador. "Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo." (I Cor. 10:16).

A Ceia do Senhor não é, pois, apenas uma cerimónia simbólica. Nela dá-se um encontro pessoal com Jesus, nas condições em que esse encontro é possível desde a Sua ascensão até à Sua segunda vinda, isto é, pelo Seu Espírito.

Essa comunhão é uma necessidade permanente da vida cristã. É por isso que o Baptismo — ordenança da regeneração — se celebra só uma vez, ao passo que a Santa Ceia — ordenança da santificação — se celebra com frequência.

A Santa Ceia não é apenas uma ocasião de encontro entre o crente e o Salvador. Sentados à mesma mesa, em comunhão com a mesma Pessoa Divina, os crentes põem-se em comunhão uns com os outros. "Nós, sendo muitos, somos um

(Continua na página 19)

O JUGO DESIGUAL

— D. A. Delafield

O APÓSTOLO Paulo nunca escreveu uma linha com mais profunda significação do que em suas palavras aos Coríntios: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis". II Cor. 6:14. Paulo trabalhou incansavelmente para fundar a Igreja em Corínto. Uma respeitável comunidade cristã surgira pelos seus labores. Grande número de pagãos aceitara a Cristo e deixara as fileiras do inimigo para unir-se a Cristo. Agora Paulo diz-lhes: "Mantende-vos em vossas próprias fileiras. Não deixeis a comunidade cristã para juntar-vos com os pagãos. Mantende-vos separados e não volteis para as coisas impuras do mundo. Sois agora filhos e filhas de Deus. Que companheirismo tendes com o mal e com a comunhão das trevas? Sai do meio delas e sereis o povo peculiar de Deus."

Entre outras coisas, Paulo, sem dúvida, tinha em mente casamentos mistos com os descrentes. Essa ordem do Novo Testamento é a repetição de um antigo aviso aos patriarcas e profetas. Escreveu Moisés a Israel, acerca dos cananeus: "Nem te aparentarás com ele; não darás as tuas filhas a seus filhos, e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam desviar teus filhos de Mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria... Porque povo santo és ao Senhor teu Deus." Deuteronomio 7:3-6.

Desde a entrada do pecado no mundo o povo de Deus tem sido um povo separado. Caim, o primeiro assassino, tornou-se o progenitor de uma raça de homens maus. Sete tornou-se o pai de uma longa linhagem de patriarcas. Os descendentes de Sete foram os filhos de Deus; os descendentes de Caim, os filhos do maligno. Foi na questão do casamento entre as duas facções que Satanás ganhou a primeira batalha que levou os filhos de Sete à corrupção e trouxe tanto vício e iniquidade como o mundo jamais havia presenciado e que resultou no dilúvio. "Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram." Gén. 6:2. "Matrimônios não santificados entre os filhos de Deus e as filhas dos homens, deram como resultado a apostasia que terminou com a destruição do mundo por um dilúvio." — Lições sobre o Dom do Espírito de Profecia, pág. 188.

É verdade hoje, como foi nos dias de Noé, que a mistura de casamentos preparou o caminho para a apostasia e raramente resultou na conversão de um descrente para Cristo. O cristão que se casa fora de suas próprias fileiras, não

importa quão grande seja o afecto que dedica ao outro cônjuge, põe em perigo a salvação da própria alma.

É-nos feita a seguinte advertência: "A menos que desejes ter um lar de onde nunca se levantem as sombras, não te unas com um homem que é inimigo de Deus." — Mensagens aos Jovens, pág. 438.

Mesmo assim alguns têm feito isto, não pensando as infelizes consequências deste engano. Têm-se arrependido amargamente da sua loucura, porém nada resta senão procurar o melhor da situação. Em tais circunstâncias isso é exactamente o que devem fazer, e não abandonar o companheiro descrente. (Ver. I Cor. 7:12-16.)

PROCURANDO GANHAR O INCONVERSO

As nossas irmãs que são casadas com maridos descrentes podem mostrar o verdadeiro amor por seus companheiros orando secretamente e agindo em favor da sua conversão. Mas não terão êxito em levá-los à verdade participando com eles das práticas mundanas. (Ver I Ped. 3:1-4.) Sabemos de alguns casos em que mulheres cristãs têm sido um empecilho a que seus maridos tomassem a decisão de guardar o Sábado com o risco de perder um emprego estabilizado e substancial renda. Nós apresentamos a pergunta: Poderá esta atitude salvar uma alma para o reino de Deus?

As nossas orações são proferidas em favor dos nossos queridos crentes cujo marido ou esposa não participa da fé comum da Igreja Adventista. Os nossos ministros e membros leigos estão procurando ajudá-los a ganhar para Cristo seus companheiros. A igreja está ao vosso lado. Para Deus nada é impossível. Embora o engano haja sido cometido, a igreja não esquece o seu querido povo. Que os maridos, esposas e filhos que vivem em lares divididos tomem ânimo. Mas resolvam não ceder um centímetro de terreno ao inimigo. A batalha não está perdida e Deus pode dar gloriosa vitória.

Neste sector da experiência humana, a prevenção é melhor do que a cura. Estamos alarmados com a brecha que se abriu entre os jovens adventistas, por se casarem com os que não são da nossa fé. Um dos dirigentes dos M. V. da Conferência Geral escreveu o seguinte:

"Uma brecha aparentemente crescente, que causa sérios embaraços, é a dos casamentos mistos. A instrução bíblica é: 'Não vos prendais

Conhecendo o Nosso Salvador

por E. L. Cardey



A mártir escocesa Maria Wilson

a um jugo desigual com os infiéis.' II Cor. 6:14. Rapazes e meninas necessitam exercer discricão no assunto de companheirismo e casamento. É em verdade triste a história quando este conselho é desconsiderado. Dezenas e centenas de obreiros potenciais para Deus são perdidos cada ano. De acordo com observação recente, quarenta e seis por cento dos jovens adventistas casaram-se com não adventistas, destes, trinta e sete por cento eram rapazes e cinquenta e três por cento, meninas. Para este cálculo foram tomados em consideração 4.161 casos e isto apresenta uma situação alarmante." — L. A. Skinner, em Review and Herald, 8 de Novembro de 1951.

Nossos jovens adventistas são crentes batizados em Cristo. Pertencem ao número de filhos e filhas de Deus. Devem ser fiéis a Ele, que os chamou. Não podem prender-se a um jugo desigual com os descrentes, sem se arriscarem a um fracasso espiritual.

Insistimos em que o nosso povo ensine estes princípios no lar, aos filhos enquanto crescem. Que em nossas escolas e púlpitos e em nossa literatura seja dada especial importância quanto a este assunto. Não devemos permitir que seja visto o mundo intrometer-se na igreja e levá-la após ele. A ocupação da igreja é converter o mundo. Não podemos converter o mundo casando-nos no mundo. Dolorosas experiências nos têm ensinado isto. ♦♦

"PARA que O possa conhecer, e à virtude da Sua ressurreição, e à comunicação de Suas aflições, sendo feito conforme à Sua morte." Filip. 3:10.

Conhecer a Jesus como Salvador e Redentor pessoal, torna o homem apto a viver e morrer por Ele. De todas as histórias de mártires que tocam os corações do povo escocês, nenhuma é mais comovedora que a de duas mártires de Wigtown, Maria Wilson e Agnes McLaughlin, que pereceram no mar de Solway. Elas recusaram abandonar a sua fé em Cristo, e foram condenadas a morrer afogadas no oceano, quando a maré enchesse.

A menina mais velha, conforme nos diz o relato, foi amarrada a um poste mais longe da praia que a mais nova; os seus perseguidores pensaram que quando a menina mais nova visse a sua amiga a debater-se nas ondas da maré enchente, talvez desistisse da fé que professava. Ela podia observar as ondas cobrindo-lhe primeiro os pés, depois os joelhos, em seguida a cintura, pouco depois o pescoço, e finalmente os lábios.

Os que as tinham condenado dirigiram-se à menina mais nova e disseram: "Olha! Que vês tu?"

Voltando um pouco a cabeça, de maneira a poder ver bem a luta que a sua amiga estava a travar com a morte, respondeu calmamente: "Interrogais-me sobre o que vejo? Vejo o Senhor Jesus sofrendo na pessoa de um dos Seus membros. Deixai-me segui-Lo, como ela, submersa nas águas".

Assim é quando uma pessoa conhece verdadeiramente a Jesus, não apenas como uma personagem histórica, mas como um Amigo e Salvador pessoal. Toda a vida é mudada. Novos desejos e ambições apoderam-se da alma. Assim sucedeu com Saulo de Tarso quando se encontrou com Jesus na estrada de Damasco. Imediatamente exclamou: "Que queres que eu faça?" A partir de então a sua vida centralizou-se em Cristo.

Há uma altura, na vida de cada pessoa, em que como Samuel quando era jovem, esta não conhece o Senhor. Mas Deus falou a Samuel durante a noite, por sonho ou visão, e Samuel respondeu: "Fala, porque o Teu servo ouve". Que mudança sobreveio à vida de Samuel a partir daquele dia! Deus fala a cada alma nascida neste

mundo, quer pela voz da consciência, quer através da Sua Palavra revelada. Os tons da Sua voz tornam-se cada vez mais distintos e doces, ao repetidas vezes dizermos como Samuel: "Fala, porque o Teu servo ouviu".

Jesus conhece-nos pessoalmente. Ele conhece o nosso deitar e levantar, e os nossos mais íntimos pensamentos. É Seu desejo que da mesma maneira O conheçamos na plenitude da nossa capacidade humana.

"Cada alma é tão perfeitamente conhecida por Jesus, como se fora ela a única por quem o Salvador houvesse morrido. As penas de cada uma tocam-Lhe o coração. O grito de socorro chega-Lhe ao ouvido. Ordena-lhes: 'Segue-Me', e Seu Espírito comove-lhes a alma, atraindo-os para Ele. Muitos recusam ser atraídos. Jesus sabe quem são. Sabe igualmente quais os que escutam de boa vontade o chamado, e estão prontos a colocar-se sob Seu pastoral cuidado. Diz Ele: 'As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu conheço-as, e elas Me seguem'. Cuida de cada uma, como se não houvesse nenhuma outra na face da Terra." — "O Desejado de Todas as Nações", 4ª. edição brasileira, págs. 361, 362.

COMO O CONHECER

Cristo revela-Se por meio das Suas obras e da Sua Palavra. Há evidência do Seu amor divino por um mundo cheio de pecado, em cada folha, arbusto ou flor. Ao lermos a Sua Palavra e ao darmos ouvidos aos preceitos nela apresentados,

descobrimos uma nova força que opera de dentro de nós. S. Paulo expressa-o clara e maravilhosamente nas seguintes palavras:

"Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus." Efésios 3:17-19.

Conta-se que ao ser o bispo de Rochester levado ao cadafalso para morrer pela sua fé, orou: "Agora, Senhor, mostra-me algum texto que me anime ao passar por esta experiência terrível". Ele abriu o Novo Testamento, e os seus olhos encontraram as seguintes palavras: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". S. João 17:3. Fechando o Livro, exclamou ao subir os degraus do cadafalso: "Louvado seja o Senhor; isto é suficiente para o tempo e para a eternidade".

Há, então, um conhecimento mais profundo e mais completo d'Ele, ao percorrermos lado a lado a senda cristã da vida, um conhecimento que apenas pode ser adquirido com a experiência. "Meditando nas perfeições do Salvador, sentiremos nascer em nós o desejo de ser inteiramente renovados e transformados na Sua pura imagem. A alma terá fome e sede de tornar-se semelhante Àquele ao qual adora." — "Degraus da Vida Cristã", pág. 80.

"Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a reflectir sobre a vida de Jesus. Devemos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança n'Ele será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos de Seu Espírito. Se queremos ser salvos afinal, teremos de aprender aos pés da cruz a lição de arrependimento e humilhação." — "O Desejado de Todas as Nações", 4ª. edição brasileira, pág. 58.

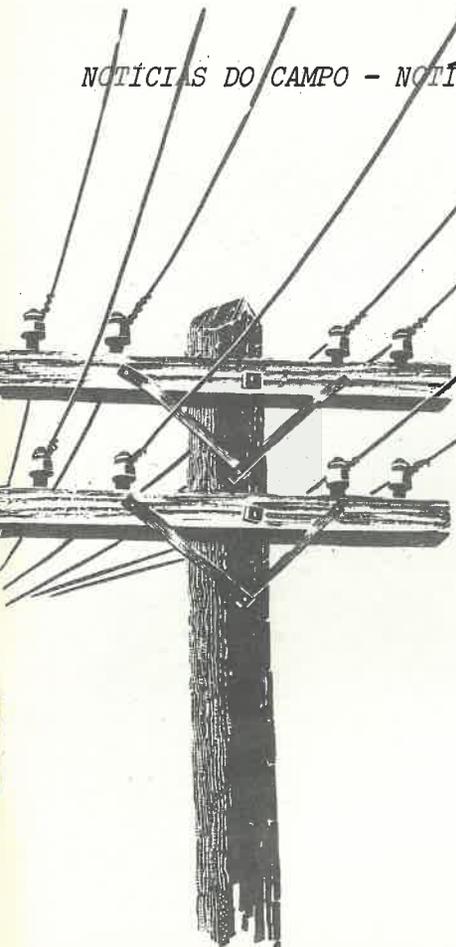
Já tentastes fazer isto? Já concentrastes os vossos pensamentos, durante o sossego da noite, na vida e no amor de Jesus por vós? Já permitistes o desenvolvimento completo das vossas percepções ao recordardes os factos conhecidos acerca de Jesus e do Seu maravilhoso plano para a vossa salvação? Se o tendes feito, então conheceis algo da "paz de Deus, que excede todo o entendimento".

CERTEZA AO CONHECÊ-LO

Então vem ao que crê uma certeza que nem o dinheiro pode comprar nem o mundo pode dar — a certeza desta vida e da vida futura. S. Paulo refere-se a esta certeza, da seguinte maneira:

"Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia." II Tim. 1:12.

Estes são tempos de incerteza. Milhões de almas tentam encontrar uma base firme para os seus pés, quando parece que a terra está prestes a ser abalada nos seus fundamentos. Quando alguém pode dizer com certeza, com uma fé viva, "Eu sei em quem tenho crido", sei que "Ele é poderoso para guardar o meu depósito", a vitória está alcançada. Todo o crente no Advento pode ter — sim, deve ter — esta experiência na hora presente em que multidões procuram o farmacêutico em busca de tranquilizantes quando deviam em vez disso procurar a Palavra de Deus. Oxalá que possamos conhecer a Jesus como um Amigo e Companheiro da nossa vida diária, como Salvador e Rei vindouro.



OBREIROS

Daniel Lourenço Cordas

Em 18 de Abril partiu para Angola o Ir. Daniel Lourenço Cordas, na companhia de sua esposa e filhos.

Pastores H. White e E. Naemy

A fim de participarem na Convenção de Colportores, que se realizou em Pero Negro, estiveram em Portugal, de 22 a 27 de Abril, os Pastores H. White e E. Naemy, respectivamente Secretário Associado do Departamento de Publicações da Conferência Geral e Secretário do mesmo Departamento da Divisão Sul-Europeia.

João Belo Santos

Em 5 de Junho chegou a Lisboa, vindo de Moçambique, o Ir. João Belo Santos, acompanhado de sua esposa e filhos. No dia 11, seguiu este obreiro para Newbold College, Inglaterra, onde vai frequentar um Curso de Extensão da Andrews University.

José Manuel de Matos e Teófilo Ferreira

Para frequentarem o mesmo Curso, partiram para Inglaterra os Irs. J.M. Matos e T. Ferreira, respectivamente em 4 e 10 de Junho.

D. Mariana de Sá

Em 11 de Junho, chegou a Lisboa, a fim de passar algum tempo na Metrópole, a Ir. Mariana de Sá, esposa do Pastor José de Sá, Director da Missão Adventista do Quicuco, Angola.

Joaquim Dias

No dia 15 de Junho, chegou de Collonges, onde concluiu a sua licenciatura em Teologia, o Ir. Joaquim Dias, juntamente com sua esposa, Dr. Eunice Dias, que ali leccionou durante este ano lectivo as disciplinas de Ciências, e sua mãe, D. Nazaré Raposo.

Francisco Caetano

No dia 19 de Junho, com sua esposa e filho, chegou a Lisboa, vindo do Brasil, o Ir. Francisco Caetano, que vem exercer as funções de Chefe de Colportores na União Portuguesa.

SETÚBAL

A Nossa Casa de Culto...

Permanece ainda bem na memória o abalo sísmico do passado dia 28 de Fevereiro, que pôs em alvoroço quase todo o Portugal, mas que — graças a Deus — podia ter sido de mais funestas conseqüências.

A cidade de Setúbal foi também severamente atingida e a parte antiga da cidade, onde se situa a igreja Adventista nesta cidade, de construção precária, sofreu grandes estragos.

A igreja de Setúbal situava-se num primeiro piso da Rua Estêvão de Vasconcelos, 49, alugada em 1942 como situação provisória e onde permaneceu, contrariamente ao indicado, durante os passados 27 anos.

Observada a situação por técnicos, foi aconselhado não se reunir lá mais a Igreja, que teve de recorrer a casas particulares de membros, em grupos de 10 a 15 pessoas, dirigidos por Monitores da Escola Sabatina.

A Igreja de Setúbal nasceu no Sanatório de Outão, nos subúrbios da cidade e remonta ao ano de 1922.

Uma menina de cerca de 3 anos foi acometida por uma doença óssea e recomendada clinicamente a um tratamento no dito Sanatório, para onde foi trazida por sua família. Essa menina chamava-se "Mimi" (a agora irmã Maria Fernanda Botelho) filha da irmã Ilda Casaca Botelho, ambas da Igreja de Portalegre.

Para sua companhia vieram as irmãs Nazaré e Ana Casaca, tias da menina "Mimi", que alugaram uma casa nos arredores do Outão.

Uma Senhora Professora que tinha lecionado na povoação de Azeitão, foi entretanto transferida como Professora para o Sanatório. Em Azeitão tinha recebido a visita de um colportor Adventista que lhe apresentou um livro que falava sobre o sonho de Nabucodonosor (cap. 2 de Daniel), mas que a Senhora Professora não comprou por qualquer razão, mas o assunto interessou-lhe e foi pena o colportor não ter insistido ou a ter visitado mais vezes.

Como a sua residência ficava perto da das irmãs Casaca, a Senhora Professora ofereceu, por intermédio duma empregada na casa das irmãs Casaca, os seus préstimos, visto no local, naquele tempo, não haver muita possibilidade na aquisição de certos artigos.

Os contactos continuaram e já se tomava chá, ora numa, ora noutra casa, o que devia certamente ter sido ocasião para ser abordado o assunto da religião.

Pastor Armando J.S. Casaca

Em 4 de Março, na companhia de sua esposa e filhos, partiu o Pastor Armando J. S. Casaca para Angola, onde vai assumir as funções de Presidente da União Angolana.

Pastor Ernesto Ferreira

Acompanhado por sua esposa, chegou a Lisboa, no dia 19 de Março, o Pastor Ernesto Ferreira, novo Presidente da União Portuguesa.

Samuel Brito

Em 26 de Março, partiu para Angola, com sua esposa e filhos, o Ir. Samuel Brito, que vai ali trabalhar como enfermeiro e professor.

Pastor W.A. Wild

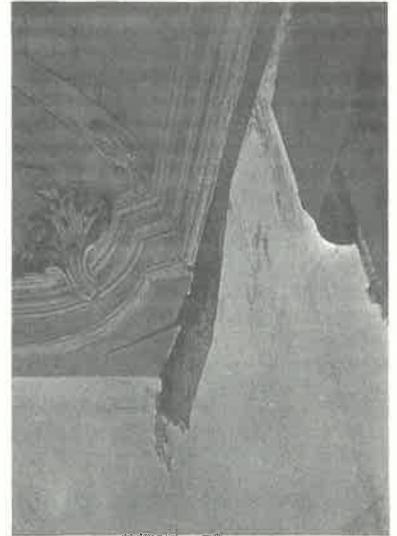
De 28 de Março a 2 de Abril esteve entre nós o Pastor W.A. Wild, que conosco trabalhou na reunião do Conselho da União, então efectuada.

João Cordas Tavares

A fim de passar três meses na Metrópole, chegou no dia 10 de Abril, com sua esposa e filha, o Ir. João Cordas Tavares, director da Missão de Namba, em Angola.



A sala de Setúbal, onde os crentes não se podem reunir



A perigosa fenda assinalada pelo Pastor Cordas

De Lisboa iam por vezes de visita os Pastores A. Dias Gomes e José de Sá, às irmãs Casaca, e a Senhora Professora, que afinal era a irmã Ana Rocha Temudo ("Aninhas"), era convidada para o estudo da Bíblia em grupo, e que se mostrou logo muito interessada. Dentro em breve outra jovem começou a fazer parte do grupo, que ao ir visitar uma tia, começou igualmente a interessar-se pela Palavra de Deus. Esta jovem era a agora irmã Balbina Gavina ("Bina").

Pouco depois a irmã Nazaré Casaca ia para Collonges e o grupo ficou durante algum tempo reduzido a estas duas pessoas interessadas que foram baptizadas a 12-5-1934.

Em casa da mãe da irmã "Bina", na Rua Sociedade Capricho, começaram a fazer-se estudos por colportores de passagem ou outros irmãos, depois pelos irmãos Lutero Simões e Fernando Simões, que deslocando-se do Barreiro visitava mais assiduamente o grupo, que pouco a pouco começou a aumentar, dentre os quais um jovem, que com um interesse invulgar da sua idade (cerca de 17 a 18 anos), procurava não perder uma palavra daquilo que ouvia. Esse jovem era o irmão José Augusto Silva Júnior, vizinho da mãe da irmã "Bina". Este jovem, juntamente com sua mãe, Natália Campino, foram baptizados em 5-6-1943. Entretanto o grupo crescia com outros baptismos.

No nº. 14 da Revista Adventista, de Julho a Setembro de 1942, lê-se:

"No dia 31 de Maio deixou o Barreiro, o irmão Fernando Simões que passou a estar à frente do trabalho

duma nova cidade — Setúbal — cuja Igreja se inicia com um grupo de 14 irmãos, desmembrados da do Barreiro."

Na Revista Adventista nº. 15, de Janeiro a Fevereiro de 1943, aparece mais a seguinte notícia:

"Até que enfim, Setúbal, onde temos uma boa dúzia de membros, tem uma sala de culto na Rua Estêvão de Vasconcelos, 49, muito limpa e apropriada." Segue-se uma animosa descrição do trabalho que estava sendo feito com sementeira de literatura, fazendo elogiosa referência à colaboração da Juventude.

A primeira acta existente, da Escola Sabatina, data de 31 de Outubro de 1942 e relata que estavam presentes 15 membros e 9 visitas. Também a primeira acta dos Jovens, que suponho ser a inaugural, data de 3 de Janeiro de 1943, é assinada pelo jovem Fernando Simões e descreve que estavam presentes uns 50 jovens.

Na Revista Adventista nº. 19, de Setembro a Outubro de 1943, num breve artigo, como de quem tinha pressa, aparece uma breve notícia onde se lê:

"Está organizada definitivamente a nossa Congregação onde nos últimos tempos houve baptismos. Deus tem abençoado os esforços do nosso irmão

Simões e dos primeiros membros daquele centro importante. A Sociedade de Juventude tem feito progressos. Tudo isto nos deve alegrar".

Na Acta da Igreja e com o nº. 2, de 17 de Julho de 1943, lê-se:

"Aos 17 de Julho de 1943 pelas 14 horas reuniu-se a Igreja, na sua totalidade, para o acto solene da consagração da mesma e reconhecida oficialmente no meio do povo Adventista, como Igreja organizada. Assitiu a este belo acto o Director da Conferência Portuguesa dos Adventistas, o irmão E. V. Hermanson, o Pastor da mesma Igreja em Setúbal, Fernando Simões e algumas visitas de Lisboa." Segue-se a descrição da cerimónia, consagração dum diácono e a lista dos oficiais eleitos. Assinado: Fernando Simões.

Na Revista Adventista nº. 39, de Janeiro a Fevereiro de 1947, segue-se uma informação que julgamos importante para o nosso caso presente:

"A Igreja de Setúbal tem estado tão frequentada que foi preciso tomar providências especiais para não abater o sobrado."

Passava-se isto há vinte e dois anos, daí para cá as precauções tornaram-se cada vez mais necessárias. A chuva entrava por todo o lado, os buracos do soalho eram tapados com pedaços de madeira e rolos de papel, e assim decorreram estes 22 anos. Entretanto transcrevemos das Actas da Igreja o que segue:

Acta nº. 11 (a numeração deve ter sido alterada), de 4 de Novembro de 1956:

"Pelas 21,45 e sob a presidência do irmão Arlindo Miranda... Este irmão expôs ao Conselho tudo o que havia tratado com o objectivo de se adquirir um terreno ou qualquer edi-

fício adaptável à igreja que se pretende construir nesta cidade. Depois de ter sido historiada a diligência feita no sentido de se adquirir uma propriedade junto da Escola Técnica, diligência esta sem êxito devido à exorbitância do preço, foi chamada a atenção para uma propriedade na Rua Latino Coelho, Bairro Salgado, onde se encontra um armazém de latoaria, propriedade esta que pelas suas dimensões e pela sua localização, reunia condições que nos serviriam para o fim em vista. Todos os presentes concordaram por unanimidade que presentemente nada melhor seria possível encontrar nesta cidade... Assim o Conselho deu plenos poderes ao irmão Miranda para que junto da União Portuguesa pleiteie os nossos interesses e necessidades de vermos realizado o nosso grande desejo e a nossa premente necessidade."

Era assim que há 13 anos os nossos irmãos de Setúbal se exprimiam em relação à sua casa de culto.

Fez-se uma planta para a construção no dito local, datada de 2 de Janeiro de 1961, passados 5 anos. Mais uns 8 longos anos se passaram motivado por burocracias diversas, até que o inevitável se deu.

Uns instantes de abalo sísmico fizeram que o edifício rachasse, que algeroses se partissem e as paredes se desligassem perigosamente e segundo a opinião dos técnicos terá de ser definitivamente desocupado.

A Igreja não mais se reuniu lá, por precaução e conselho de técnicos, mas a situação da Igreja é desmoralizadora. Creio que poderão compreender como se sentem os crentes desta Igreja ao chegar o Sábado e não terem onde se reunir, embora a gentileza de alguns terem posto dependências da sua casa para se reunirem uns tantos, mas o Pastor não pode estar em todo o lado e há grande dificuldade de transmitir planos, organizar trabalho, etc.

A propriedade adquirida lá está, o sonho da construção permanece na planta que nunca foi autorizada e os 105 membros da Igreja continuam dispersos, na expectativa que um Sábado ouçam a notícia de que poderão juntar-se novamente.

Aqui de Setúbal lançamos o nosso angustioso apelo aos leitores da Revista Adventista que orem por nós para que em breve possamos ter uma casa de culto, condigna, como muitos de vós tendes, para uma Igreja já bastante numerosa e duma cidade que fica em 3.º ou 4.º lugar no país.

Vosso em Cristo,

F. Cordas

AMADORA

Escola Cristã de Férias

"Ó senhora professora, é verdade que amanhã já é o último dia da nossa Escola?" "Ó senhora professora, porque é que esta Escola só pode durar dez dias?" "Quando se fizer outra Escola eu posso vir outra vez e trazer também o meu primo Carlos?"

Estas são perguntas tiradas a esmo de entre muitas outras que, frequentemente, nos eram feitas pelos queridos pequeninos alunos da Escola Cristã de Férias da Igreja da Amadora. Foram, na verdade, inesquecíveis os dias maravilhosos que o Bom Deus nos concedeu viver colhendo a nossa primeira experiência nesta realização inestimável que é a Escola Cristã de Férias.



Tendo como nossos colaboradores directos e mui preciosos o Pastor Pires e a Obreira, irmã Luísa Trindade, nós pudemos contactar com 16 belas crianças cuja felicidade e bom aproveitamento nos foram um estímulo e uma recompensa.

Cada dia lá vinham eles, os nossos alunos, correndo alegremente para melhor vencer a distância e chegar, pontualmente, na hora exacta de cantar o belo cântico: "Eu gosto da Escola Cristã de Férias", que iniciava sempre as nossas actividades.

Alguns pequeninos eram acompanhados por irmãos nossos, outros pelos seus pais que, havendo-nos ignorado inteiramente até àquele momento, vinham agora patentear-nos o seu apreço e a sua gratidão pelo que estávamos realizando em favor de seus filhos.

As 9 horas precisas a classe começava e os pequeninos olhitos bem espertos e atentos, boquitas abertas e ansiosos, rostos alegres e calmos, iam revelando bem as emoções que lhes causavam as lindas histórias e a

bela lição da Bíblia que, sucessivamente, iam sendo apresentadas.

O preenchimento do Caderno Diário, os trabalhos manuais, os bonecos de gesso que saíam como por encanto das suas fôrmas de borracha, o momento de recreação, o lindo filme cultural, tudo enfim se combinava, perfeitamente, para tornar cheios de entusiasmo e felicidade dez rápidas manhãs na vida daquelas dezasseis crianças.

Os jogos recreativos faziam-se ao ar livre, em terreno próximo da igreja, e para ali se dirigiam e dali regressavam os nossos alunos, bem alinhados, cantando alegremente e a plenos pulmões: "Eu gosto da Escola Cristã de Férias. Sim, gosto da minha Escola!"

Nas janelas de prédios vizinhos viam-se crianças acompanhadas de suas mães; outras pessoas ficavam perto de nós e todos se foram tornando assistência habitual daqueles momentos recreativos que até para eles eram aprazíveis.

Na cerimónia do encerramento foi um prazer constatar que no meio de numerosa assistência que enchia por completo toda a sala, excedendo em muito as nossas possibilidades de acomodação, lá estavam os pais e alguns parentes dos nossos queridos alunos ansiosos por assistir à actuação de seus filhos naquela reunião feita expressamente para eles.

No estrado sorridentes e felizes os nossos pequeninos cantaram, recitaram, disseram os seus versos bíblicos, receberam os seus prémios e as suas realizações manuais, tudo enfim quanto tinham aprendido e haviam feito naquelas dez tão belas como rápidas manhãs.

Exactamente oito dias depois realizava-se uma festa levada a efeito pela nossa Juventude e propositadamente apazada para aquela data com o propósito de ser mais um motivo da visita dos pais e amigos dos pequeninos da E.C.F.. Graças a Deus não errámos a prespectiva, pois todos acederam ao convite e voltaram para apreciar a actuação dos nossos M.V. que foi, na verdade, digna de todo o apreço pelo esforço despendido e pela perfeita apresentação daquele festivo programa.

Esperamos com a graça de Deus e as vossas orações encontrar novas possibilidades para repetidas E.C.F.. Da experiência que obtivemos fica-nos uma grata recordação e o veemente desejo de prosseguir. Contamos com Deus e convosco.

Escola Sabatina Anexa

Uma interessante e original Escola Sabatina Anexa a que resolveram organizar os pequeninos José Manuel e Maria Ermelinda Polme.

Copiando exactamente as suas professoras da Escola Sabatina da Igreja, os irmãos Polme passam a lição, falam do trabalho missionário, ensinam hinos e distribuem graciosas lembranças elaboradas pelas suas próprias mãos.

Filhos da nossa prezada irmã Eulália Polme, encontraram em sua mãe todo o apoio necessário para efectuar em sua própria casa, diariamente, uma E.S.A. da qual fazem parte sete pequenos alunos.

A nora desta notícia chegar a vós já quase totalidade da sua E.S.A. está frequentando a igreja e pais dalguns desses pequeninos já nos têm visitado também.



Juntamos a fotografia dos irmãozinhos Polme e da sua Escola. Pedimos para eles as vossas orações ao mesmo tempo que, bem desejamos, ser a sua iniciativa um estímulo para grandes e pequenos e um exemplo para nossa imitação.

Baptismos

Pela graça de Deus o dia 12 de Abril do presente ano foi assinalado pelo baptismo de cinco preciosas almas que, vencendo lutas e obstáculos quase insuperáveis, se tornaram membros da Igreja de Cristo, engrossando desta forma as fileiras dos fiéis servos que aguardam, ansiosos e vigilantes, o regresso do seu SENHOR.



BARREIRO E BAIXA DA BANHEIRA

Nova Sala de Culto

Há muito que se fazia sentir a necessidade de uma nova casa de culto na Baixa da Banheira, pois a sala que ali tínhamos era bem pequena para nela podermos reunir todos os irmãos, e crianças que tinham de realizar a sua Escola Sabatina junto dos adultos, não estando elas nem as suas monitoras à vontade.

Fizemos deste assunto motivo de oração, e o Senhor deparou-nos uma nova casa bem espaçosa e ainda com um grande pátio aonde pensamos fazer, num próximo, um compartimento para as crianças.

Depois das obras de adaptação, pois a casa servia em tempos para um café, procedemos à sua inauguração como casa de culto ao Senhor.

Cerca das 15,30 do dia 1 de Março e com uma numerosa assistência, demos início à Escola Sabatina, seguindo-se o programa inaugural.

Após o hino cantado pela congregação, ouviu-se o côro da Igreja do Barreiro, dirigido pelo jovem Joaquim Mendes.

O pastor António Baião, que dirigiu o acto inaugural, proferiu o sermão após o que se procedeu à leitura da fórmula da dedicação da nova sala ao culto da Palavra de Deus.

Deus permita que esta casa em breve seja também pequena para conter as almas sedentas da água da vida.

Baptismos

No dia 2 de Março tivemos a alegria de ver cinco preciosas almas descerem às águas baptismas.

Após o exame aos candidatos, feito pelo signatário, os novos irmãos foram baptizados pelo pastor António Baião que nos deu o prazer de estar connosco também neste dia.

Feliz e confiante, a Igreja da Amadora deixa ao cuidado das vossas orações os queridos recém-baptizados, irmãos Maria de Moura, Lídia Ribeiro, Laurentina Figueira, Inácio Figueira e Joaquim Domingos e os muitos "lá fora" que aguardam o momento de os irmos buscar.

Ao encerrar estas notícias queremos fazê-lo endereçando para Deus, como é justo, o mais alto dos nossos louvores, o mais sentido dos nossos agradecimentos pelas bênçãos sem



Baixa da Banheira—Inauguração



Barreiro—Baptismos

Depois dos baptismos o pastor Baião fez um veemente apêlo, e, novas almas correspondendo ao chamado, se levantaram indo à frente, tendo nós orado com elas para que entreguem as suas vidas ao Salvador.

Vosso irmão em Cristo,

A. Borges

par que tem derramado sobre esta Igreja e pelo trabalho extraordinário que Ele e só Ele tem realizado em nosso favor.

Ao terminar pedimo-vos o favor das vossas preces e imploramos a Deus a graça de conceder a toda a Sua Igreja no mundo e na Amadora um ano de gloriosa vitória.

Vossa no Senhor.

M. Augusta Pires



Página das Actividades Leigas

A IGREJA RUMO À PÁTRIA ETERNA

O NOSSO tempo será um tempo "como os outros"? Com certeza que não! Pelo menos para a Igreja. Nesta hora só a Igreja sabe avaliar a transcendência das palavras de Jesus: "...todas estas coisas, são o princípio das dores". S. Mat. 24:8. Pode mesmo dizer-se que a Igreja está "em trabalhos". Um extraordinário alvorecer está despontando na vida espiritual e interna do povo de Deus, com muito custo e não sem estar rodeado de incertezas e profundas reflexões. Mas dentro deste mundo onde as perguntas de todo o género aparecem e permanecem, a maior parte das vezes, sem resposta, a Igreja, o corpo vivo da comunidade alertada, os leigos, interrogam-se também a respeito do porquê da existência da Igreja, a respeito da fé, a respeito de Cristo, e com maior insistência a respeito do verdadeiro papel dos leigos, nesta hora em que as mais solenes respostas devem ser dadas.

A interrogação dos leigos revela aquilo que sentem nas suas almas; um amor sereno pela Igreja, sossegado e confiante umas vezes, doloroso outras, mas sempre com a liberdade dos filhos que se dirigem à mãe que eles tanto gostam e respeitam, e que estão prontos a defender.

Ser membro da Igreja é viver em solidariedade, e esta solidariedade, como a do casamento, deve ser tanto para o melhor como para o pior. Segundo o temperamento, o critério e as condições da vida de cada leigo, uns insistem sobre o melhor e outros sobre o pior. Todos, no entanto, compõem a Igreja. E a Igreja é tudo isto.

Mas todas estas interrogações manifestam-se porque algo de particular e necessário está a passar-se no coração da Igreja que é chamada a representar o último "espectáculo" cristão da história deste pobre mundo.

Durante muito tempo, os verdadeiros móveis da presença dos leigos na Igreja ficaram reduzidos a estar presentes nos dias marcados para o culto e pregação. Hoje, pela graça de Cristo, o crente não só é representante da Igreja "dos dias de festa", mas da Igreja "de todos os dias"

e de "todas as horas". O que significa que viver a vida da comunidade transcendeu, e ainda mais

deverá transcender, para fora do templo, para penetrar mais profunda, mais real, mais eloquente e mais transbordante no lar, no trabalho, na própria vida de Sociedade.

Se isto é certo até aqui, muito mais relevo adquire a representação deste povo, "cujas leis são diferentes das leis de todos os povos..." (Ester 3:8), quando vive a vida da Igreja dos dias maus. Sabem orar e jejuar uns pelos outros. A tristeza daqueles que sofrem o flagelo da doença ou da injustiça, vem a ser a dor e a amargura dos outros. Sabem chorar com os que choram. E exultam juntos a Deus no momento em que os dias sombrios desaparecem. Contudo, a sua alegria prevê sempre momentos de maior dificuldade para o futuro que mais os fará sofrer e mais os há-de unir até que o pensamento director de Cristo seja realizado; "para que eles sejam perfeitos em unidade e para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim". S. João 17:23.

Embora seja certo ser fácil para um leigo exprimir-se dentro da Igreja, parece algo mais difícil fazê-lo fora da mesma. Estão a realizar-se cursos de treinamento, unindo num diálogo apertado e inteligente o ministério e o corpo de leigos numa aprendizagem edificante e produtiva, que trás como primeiro fruto, maior unidade e maior colaboração dentro da Igreja e mais perfeita compreensão da doutrina bíblica e da fé cristã. Novas estruturas são começadas, novos planos são projectados, um magnífico desenvolvimento na formação do espírito está a realizar-se no seio da Igreja que há-de levá-la à realização da unidade perfeita e da perfeita concretização da comissão legada pelo Mestre antes de partir para o Céu: "Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura". S. Mat. 16:15.

Qual será a formação que se pretende dar aos membros da Igreja?

(Continua na página 11)

Página dos JOVENS



ACAMPAMENTO M. V. DO PORTO

FOI NUM ambiente feliz e saudável, no meio dos pinheiros, entre o mar e o Céu, que alguns jovens e irmãos da Igreja do Porto viveram durante o acampamento que recentemente teve lugar.

Reatando uma velha tradição, os jovens portuenses vêm, ano após ano, fazendo os seus acampamentos regionais, especialmente por ocasião das festas joaninas da cidade.

Dos variados locais conhecidos foi escolhido um pinhal em Francelos, perto da praia. Foram armadas dez tendas, o que perfez um número razoável de campistas, mesmo não tendo em conta as numerosas visitas que no Sábado, domingo e terça-feira estiveram connosco.

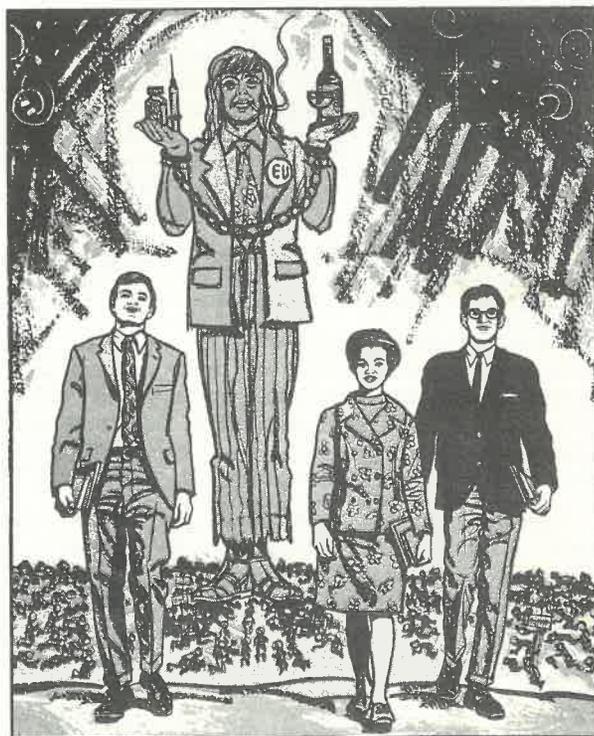
Paralelamente aos jogos e banhos de mar, não foi descorado o programa espiritual com reuniões e cânticos ao redor da fogueira, sendo estes dirigidos pelo evangelista Walter Miguel que nos acompanhou nestes dias de camaradagem cristã.

Como todo o tempo que é passado agradavelmente parece pouco, o nosso acampamento pareceu-nos muito curto. Na terça-feira à noite, dia 24, os nossos jovens estavam de regresso, cansados mas felizes, já com saudades dos jogos, da chuva aparentemente incômoda, das noites frias e de tudo o mais que conseguiu fugir à vulgaridade do dia a dia.

Todo o homem procura, sempre que para tal se lhe ofereça uma oportunidade, evadir-se da sua vida rotineira. No Porto e terras circunvizinhas essa evasão de si mesmo e das preocupações diárias consistiu numa noite de folguedos e orgia; nós não procurámos evadir-nos de nós mesmos, apenas da rotina diária, procurámos a comunhão com Deus e com a Natureza. Sentimo-nos pequenos entre o mar e o Céu, mas mais perto de Cristo.

F. Garcia Mendes.

A JUVENTUDE ADVENTISTA REPRESENTA "OS TRÊS HEBREUS" DE HOJE



"Não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste." Dan. 3:18

CURSO DE COLPORTORES EM PERO NEGRO

TEVEMOS lugar em Pero Negro, mais um curso de Colportores organizado pelo Departamento das Publicações da União Portuguesa, tendo como principal colaborador o Pastor Herbert White, Secretário de Publicações da Conferência Geral. Este irmão de origem australiana, possui uma vasta experiência no domínio das Publicações, sendo a sua presença entre nós uma bênção para todos os que se dedicam ao trabalho da página impressa. Uma série de lições de alto valor espiritual e de técnica de vendas, veio trazer aos nossos irmãos Colportores uma nova visão da obra e os princípios fundamentais para a realizar.



O Pastor Herbert White

Esteve igualmente presente o já nosso conhecido irmão Naemy, Secretário da Divisão Sul-Europeia para este Departamento. A sua amabilidade e dinamismo, aliados a uma palavra fácil e um espírito sempre jovem, trouxe a este curso factores que contribuíram para o seu êxito.

Deu-nos igualmente o calor amigo da sua presença e a sua valorosa colaboração o Pastor Ferreira, Presidente da nossa União, homem extremamente consagrado e dedicado que está sempre presente onde a sua presença se torna necessária, com uma palavra amiga e um conselho paternal.

O Pastor Vasco, sempre prestável, dedicou-nos igualmente algum do seu precioso tempo.

A Publicadora Atlântico fez-se representar pelo seu Administrador, o Pastor Samuel Reis, que nos fez compreender de uma maneira clara todo o esforço que a casa Publicadora está fazendo a fim de proporcionar aos nossos irmãos Colportores o material suficiente, em quantidade e qualidade que lhes torne possível transformar em êxito a sua missão.

Tivemos connosco quase todos os Colportores da nossa União, cerca de trinta, que de-

monstraram um espírito admirável de colaboração. Todas as reuniões foram atentamente seguidas e via-se que cada um procurava tirar o maior proveito possível da sua presença no curso.

Os trabalhos práticos, a cargo do Chefe de Colportores, irmão Arlindo Bastos, decorreram sempre com a maior animação. Todos procuraram aperfeiçoar os seus métodos de trabalho, e aprender a apresentação do novo livro "Para Uma Vida Melhor".

Aproveito esta oportunidade para agradecer através da Revista Adventista a todos quantos contribuíram para o êxito deste curso, desde o dedicado irmão Sala, sempre presente e a tempo com as suas gostosas refeições, passando por todos os Colportores e até aqueles que de tão longe vieram até nós, um grande muito obrigado, e o desejo sincero que a bênção do Senhor os acompanhe constantemente.

A. Baião

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A IGREJA RUMO À PÁTRIA...

(Continuação da página 15)

O objectivo de qualquer acção de formação é sempre o de aumentar os conhecimentos, modificar as atitudes e desenvolver as aptidões. E se isto é importante para qualquer empresa ou organização, muito mais importante se torna para a Igreja Remanescente. No domínio da organização leiga, estamos assistindo a uma autêntica manifestação de "força". A concorrência e o baixo nível espiritual provocado pelas dúvidas que afloram na maioria dos espíritos e que a tradição é impotente para satisfazer, alertou a Igreja. E ainda bem que isto aconteceu! Pastores e leigos sentiram a responsabilidade que esta hora especialmente solene representa para um mundo agonizante, e conscientes da responsabilidade particular e colectiva, determinaram eliminar o "peso morto". Isto só pode ser alcançado transmitindo conhecimentos, modificando atitudes e desenvolvendo aptidões.

O trabalho está no seu começo; algumas rectificações deverão ser feitas. Certos detalhes serão modificados, aperfeiçoados ou eliminados. Mas a certeza de uma acção eficiente e duradoura, lançou já os seus alicerces num primeiro passo: o diálogo que não deve parar. A formação completa realizar-se-á por fim, no campo espiritual, moral, social e missionário. O primeiro passo leva-nos rapidamente a esses diferentes terrenos. A bênção de Deus proporcionar-nos-á a ajuda e a força que nós necessitamos. Para que mais uma vez a vitória e o mérito seja de Cristo, de Quem tudo procede e por Quem tudo é possível.

E. Rodriguez

Significado Espiritual da Santa Ceia

(Continuação da página 7)

sópão e um só corpo: porque todos participamos do mesmo pão." (I Cor. 10:17). É assim que a Ceia do Senhor reveste igualmente o carácter de 'ágape,' refeição de amor fraternal, a que se refere o apóstolo Paulo na sua primeira Epístola aos Coríntios, reprimindo os abusos em relação com ela verificados.

Memorial da pessoa e do sacrifício de Jesus, ocasião de comunhão com os que com Ele estão unidos pela mesma fé, a Santa Ceia é repassada de sentimentos de gratidão, de paz e de alegria cristã. É uma verdadeira Eucaristia, ou, em linguagem mais corrente, uma cerimónia de acção de graças. Nela, são partilhados os sentimentos expressos pelos salvos em Apocalipse 5:12: "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e glória, e acções de graças."

Esta refeição, tão simples e tão significativa, constitui, finalmente, a antecipação do banquete das bodas do Cordeiro, em que os remidos serão recebidos por Jesus na Sua vinda e no Seu reino. Cada vez que a celebramos, os nossos pensamentos transportam-se para o dia glorioso da vinda do Senhor. Realizando esta cerimónia, disse Jesus: "anunciais a morte do Senhor, até que venha." (I Cor. 11:26). Assim como a Ceia Pascal devia continuar até à primeira vinda de Cristo, também a Ceia do Senhor deve continuar até à Sua segunda vinda. Agora bebemos, na Sua ausência, o fruto da vide; mas chegará o dia em que Jesus, segundo a Sua promessa, "o beba de novo convosco no reino de Meu Pai." (S. Mat. 26:29).

Os judeus, desde os tempos da sua dispersão, exclamam ao celebrarem o banquete pascal: "A próxima vez, em Jerusalém!"

Os crentes, ao celebrarem a Santa Ceia, podem também exclamar, com jubilosa esperança: "A próxima vez, com Ele na Nova Jerusalém!"

"Ora vem, Senhor Jesus!"

REFERÊNCIAS

- 1 - "Mishna," Pes. 10:4. Apud Alfredo Edersheim, "Festas de Israel," União Cultural Editora, Ltd^a, São Paulo, págs. 51, 52.
- 2 - Idem, págs. 48, 49.
- 3 - Apud E. J. Leenhardt, "Ceci est Mon Corps," Delachaux et Niestlé, Neuchatel et Paris, 1955, pág. 23.
- 4 - Idem, págs. 50, 51.
- 5 - Idem, pág. 29.
- 6 - Apud Samuel Vila, "A Las Fuentes del Cristianismo," Instituto Bíblico Moody, Chicago, 3^a. edição, 1951, pág. 43. ♦♦

AGENDA ADVENTISTA

Agosto de 1969

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

- 2 - Dia Pró-Evangelização de Novos Territórios.
- 2 - Oferta Para as Actividades Leigas.
- 30 - Educação Cristã e Oferta Para as Escolas Primárias.

TABELAS DO PÔR-DO-SOL

Dias	—	Lisboa	Funchal	P. Delgada
1	—	20.48	19.06	18.52
8	—	20.40	19.01	18.45
15	—	20.32	18.53	18.36
22	—	20.23	18.45	18.27
29	—	20.12	18.37	18.17

DEVOÇÃO MATINAL

Sex.	1 - Salmos 60:12	- "Em Deus".
Sáb.	2 - Salmos 62:1	- "Minha salvação".
Dom.	3 - Rom. 6:23	- "O salário do pecado".
Seg.	4 - Salmos 62:8	- "Confiai n'Ele".
Ter.	5 - I S. João 5:21	- Ídolos.
Qua.	6 - S. João 5:46, 47	- Ele escreveu a meu respeito
Qui.	7 - S. João 5:28	- Não vos maravilheis.
Sex.	8 - I S. João 5:14	- Ele nos ouve.
Sáb.	9 - I Tim. 6:6	- Contentamento.
Dom.	10 - II Tim. 3:1, 2	- Ingratos.
Seg.	11 - II Tim. 2:12	- Reinaremos.
Ter.	12 - II Tim. 2:24	- O servo do Senhor.
Qua.	13 - II Tim. 2:9	- Não está algemada.
Qui.	14 - II Tim. 1:13	- Palavras sãs.
Sex.	15 - II Tim. 3:12	- Perseguição.
Sáb.	16 - Col. 2:12	- O poder de Deus.
Dom.	17 - Col. 1:27	- A riqueza da glória.
Seg.	18 - Col. 3:21	- Vossos filhos.
Ter.	19 - Salmos 111:7	- Todos os Seus preceitos.
Qua.	20 - Salmos 113:5	- "Semelhante ao Senhor".
Qui.	21 - S. João 9:41	- "Se fôsseis cegos".
Sex.	22 - Heb. 4:7	- "Hoje".
Sáb.	23 - II Cor. 4:8, 9	- "Não destruídos".
Dom.	24 - Heb. 13:1	- "Amor fraternal".
Seg.	25 - S. Luc. 17:4	- "Perdoa-lhe".
Ter.	26 - S. Luc. 16:31	- "Se não ouvem".
Qua.	27 - II Cor. 9:7	- "Quem dá com alegria".
Qui.	28 - Amós 8:11	- Fome sobre a Terra.
Sex.	29 - Miq. 7:8	- Levantar-me-ei.
Sáb.	30 - Isa. 54:7	- Breve momento.
Dom.	31 - Salmos 23:3	- Veredas da justiça.

ANO BÍBLICO

Para seguir o plano de leitura da Bíblia num ano, e necessário ler, durante o mês de Agosto, os seguintes capítulos:

Isaías 34-66; Jeremias 1-52; Lamentações 1-5; Ezequiel 1-13.

COMO TORNAR INTERESSANTE O CULTO FAMILIAR

por L. L. Rockwell

Os preciosos anos de infância passam depressa demais, mas a lembrança das horas de adoração e de culto, caso sejam convenientemente dirigidas, não se apagará da mente de nossos filhos. Mas essa hora nunca poderá ser correctamente dirigida a não ser que os pais creiam na importância vital do culto, da oração, dos hinos e do estudo da Bíblia.

É-nos dito que Abraão, de manhã e à tarde, reunia sua casa para o culto. Dele disse o Senhor: "Porque Eu o tenho conhecido que ele há-de ordenar os seus filhos e a sua casa depois dele". Como será possível consegui-lo, perguntareis? O estudo da Bíblia proporcionará tal gozo, que os pais serão pelo mesmo orientados quanto à maneira de dirigir convenientemente a hora de culto. Os pais que amam as coisas do reino de Deus, terão prazer em ensiná-las aos filhos.

Desde a mais tenra infância, devem as crianças participar no culto. A ordem e a quietude devem infundir no espírito a santidade da hora. Nenhum trabalho ou prazer deve jamais interferir com os momentos de adoração. A mente juvenil está aprendendo a determinar os valores. Logoficará sabendo se o trabalho é tido em maior conta do que uma palestra com o Criador.

A hora do culto não deve ser longa e enfadonha. Uns poucos versos com alguns comentários devem ser seguidos de orações por todos que são capazes de falar. O nome das crianças deve ser sempre mencionado na oração da mãe.

A criança que é capaz de se fazer entender em qualquer pedido que faz aos pais, deve ser ensinada a orar a seu Salvador. As sugestões feitas a princípio pelos pais levá-la-á logo a fazer orações em suas próprias palavras. O testemunho mais triste que já ouvi foi o de um homem criado num lar adventista, onde se fazia culto de manhã e à tarde. Perguntaram-lhe se já orara alguma vez. "Não", respondeu ele,

"meus pais faziam sempre as orações, mas nunca me pediam para orar." Se esses pais tivessem ouvido tal confissão, como não lhes havia de doer, decerto, o coração!

Um menino perdeu um brinquedo. Aprendera que Jesus ouve a oração dos pequeninos. De modo que procurou a mãe, e ambos se ajoelharam para orar. A mãe disse que fora com todo o fervor que orara a Deus para que não desapontasse o filhinho em sua fé infantil. Antes que chegasse a tarde, um vizinho chamou-o para lhe perguntar se o brinquedo que achara não seria, porventura, do seu filhinho.

É de suma importância fazer com que Jesus Se torne real a nossos filhos, mas deve ser primeiro real para os pais. Disse alguém: "Se Cristo estiver na vida, d'Ele não-de dar testemunho as palavras". A criança ao nascer é um vaso vazio que deve ser enchido pelos pais. Uma mãe que canta terá filhos que jamais dela se esquecerão, nem de seus cânticos. As folhas de um hinário velho, dependuradas por cima da pia, ajudarão a decorar correctamente um hino. Certa vez ao ser omitida uma estrofe, uma criança disse abruptamente: "Mamã, esqueceu algumas palavras", e começou a cantá-las.

Era nosso costume deixar as crianças escolherem o hino para o culto.

A mais antiga lembrança a ser guardada dos felizes anos em que ainda éramos meninos é a dos cultos de sexta-feira à tarde, ao pôr do sol. Cantava-se um hino: "Bemvindo, santo dia", e então faziam-se diversas orações. Depois o tempo era gasto em testemunhos, falando de nossas esperanças e desejos, e da fé de Jesus.

Os pais que negligenciam o culto familiar estão privando os filhos da mais estabilizadora influência que eles realmente necessitam, e estão a despojá-los da mais grata lembrança que a vida pode proporcionar. ♦♦

